



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III- OSMAR DE AQUINO  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LETRAS**

**GISLAINE COSTA DE LIMA SANTOS**

**“YAMAMI”: UM OLHAR SOBRE ASPECTOS DA VIOLÊNCIA SEXUAL**

**GUARABIRA/PB  
2019**

**GISLAINE COSTA DE LIMA SANTOS**

**“YAMAMI”: UM OLHAR SOBRE ASPECTOS DA VIOLÊNCIA SEXUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade Artigo apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciatura em Letras.

**Área de concentração:** Literatura.

**Orientadora:** Profa. Dra. Maria Suely da Costa

**GUARABIRA/PB  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237y Santos, Gislaine Costa de Lima.  
"Yamami" [manuscrito] : um olhar sobre aspectos da violência sexual / Gislaine Costa de Lima Santos. - 2019.  
27 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Maria Suely da Costa. ,  
Coordenação do Curso de Letras - CH."  
1. Literatura contemporânea. 2. Conto. 3. Violência sexual  
infanto-juvenil. I. Título

21. ed. CDD 362.83



**GISLAINE COSTA DE LIMA SANTOS**

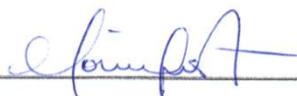
**"YAMAMI": UM OLHAR SOBRE ASPECTOS DA VIOLÊNCIA SEXUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade Artigo apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciatura em Letras.

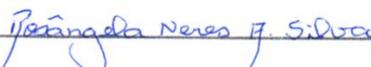
**Área de concentração:** Literatura.

Aprovada em: 21/11/2019

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dra. Maria Suely da Costa (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Rosângela Neres de Araújo Silva (Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos (Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao autor e consumidor da minha Fé,  
DEUS.

Aos meus pais Geraldo Henrique e Maria  
das Neves.

As minhas irmãs Germana, Gerlane,  
Gerlene e Gilka.

Ao meu querido irmão Gustavo Henrique.

Ao meu amado esposo Isaias Santos.

A minha orientadora Suely da Costa.

As minhas colegas e amigas de turma  
Jaqueline, Dhalécia e Josieli, DEDICO.

*“Sem um fim social o saber será a maior das futilidades”.*

*(Gilberto Freire)*

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2 A VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTO-JUVENIL NA SOCIEDADE</b> .....	10
2.1 A Literatura Marginal: algumas considerações.....	14
2.2 A representação do índio na Literatura indigenista brasileira.....	16
<b>3. A VIOLÊNCIA SEXUAL NO CONTO “YAMAMI”</b> .....	18
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	23
<b>5 REFERÊNCIAS</b> .....	26
<b>ANEXO</b> .....	28

## “YAMAMI”: UM OLHAR SOBRE ASPECTOS DA VIOLÊNCIA SEXUAL

Gislaine Costa de Lima Santos<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo apresenta um estudo do conto “Yamami” publicado no livro *Contos Negreiros* (2005), de autoria de Marcelino Freire, cuja narrativa traz como foco central a abordagem da violência sexual infanto-juvenil. O objetivo principal está em analisar como a questão da exploração sexual infantil é representada nesta narrativa literária. Em função de uma leitura crítico-analítica do texto literário, em específico do nosso objeto de estudo, usamos os estudos realizados pela ABRAPIA - Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência, (2002); Moreschi (2018), Lei 8.069 do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA); Nascimento (2006), Barros (2017) e Leite (2014), dentre outros. Ao final do nosso estudo, concluímos que a representação da personagem Yamami é posta como um exemplo do que ocorre na prática, de violência sexual, dada na forma de exploração sexual, ocorrida por meio do turismo. Verificamos que a personagem era vista como uma mercadoria, o único objeto que proporcionava prazer no lugar em que vivia.

**Palavras-Chave:** Literatura contemporânea. Conto. Violência sexual infanto-juvenil.

### RESUMEN

Este artículo presenta un estudio del cuento Yamami, publicado en el libro *Contos Negreiros* (2005), de autoría de Marcelino Freire, cuya narración tiene como centralidad la temática de la violencia sexual infantil y juvenil. El objetivo principal es analizar cómo la cuestión de la exploración sexual infantil es representada en esta narrativa literária. En función de una lectura crítico-analítica del texto literário, principalmente de nuestro objeto de estudio, utilizamos los estudios realizados pela ABRAPIA – Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência, (2002); Moreschi (2018), Lei 8.069 do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA); Nascimento (2006), Barros (2017) y Leite (2014), entre otros. Al final de nuestro estudio, llegamos a la conclusión que la representación del personaje Yamami es puesta como un ejemplo de lo que ocurre en la práctica, de la violencia sexual, dada en forma de exploración sexual, que ocurre a través del turismo. Descubrimos que el personaje era visto como una mercancía, el único objeto que proporcionaba placer en el lugar donde vivía.

**Palabras-Clave:** Literatura contemporânea. Cuento. Violencia sexual infantil y juvenil.

---

<sup>1</sup> Aluna da Graduação em Letras Português na Universidade Estadual da Paraíba —Campus III  
E-mail: [gislainecsantos70@gmail.com](mailto:gislainecsantos70@gmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

A violência é hoje uma das grandes preocupações em nível mundial, afetando a sociedade como um todo. Esta se revela de várias maneiras a atingir grupos, famílias e pessoas isoladas. Dentre as diversas formas de violência, queremos discutir neste estudo a respeito da violência sexual que alcança também o grupo infantojuvenil. Os casos de violência sexual infantil e juvenil vêm aumentando cada vez mais no Brasil. Para percebermos esse fato, basta voltarmos o nosso olhar para a quantidade de casos ocorridos diariamente no nosso país. Apenas como título de exemplo, podemos recorrer aos dados divulgados pela ONU (Organização das Nações Unidas) que, seguindo o seu relatório mais recente, registraram 259 acusações de exploração e abuso sexual no ano de 2018.<sup>2</sup>

Em algumas regiões do Brasil, a violência sexual infantil e juvenil torna-se ainda mais grave, como é o caso do estado do Amazonas que tem um alto índice de violência sexual contra criança e adolescentes. Somente entre janeiro e março de 2019, foram registrados 450 casos de abuso e/ou violência física, psicológica ou sexual<sup>3</sup>. A situação de ser um local em que grande parte da população é de classe social de baixa renda tem se tornado um fator de peso para que crianças e adolescentes tornem-se mais vulneráveis a serem vítimas desse crime, conforme atesta RIBEIRO, (et al, 2004, p.461) ao afirmar que “Apesar da violência sexual ocorrer em todos os níveis socioeconômicos, fatores tais como a miséria, facilitam as situações de promiscuidade, favorecendo as vitimizações”.

Estudos dão conta que a violência sexual ocorrida na infância e adolescência costuma deixar marcas para o resto da vida, fazendo com que o indivíduo afetado cresça com sérios problemas de desenvolvimento pessoal e social. Em vista disso, consideramos que se trata de um assunto que necessita ser debatido e estudado nas mais diversas áreas, a exemplo da Literatura.

A Literatura, assim, torna-se de fundamental importância quando coloca esse tema em visibilidade, uma vez que, por meio das obras literárias, é possível desenvolver uma discussão significativa em torno da temática. A Literatura Marginal,

---

<sup>2</sup> Informação disponível em: <https://nacoesunidas.org/onu-recebeu-259-acusacoes-de-exploracao-e-abuso-sexual-em-2018/> Acesso em: 30 de Ago. de 2019

<sup>3</sup> Conforme indicadores da Secretaria de Segurança Pública (SSP-AM). Informação disponível em <https://blogdohiellevy.com.br/abuso-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-cresceu-28-no-am/> Acesso em: 30 de Ago. de 2019

vertente que visa colocar em destaque a voz dos excluídos e marginalizados, aborda a questão da violência, como também outras temáticas sociais que colocam em destaque as minorias, dentre os quais negros, indígenas, mulheres, entre outros.

Nessa perspectiva, o nosso trabalho tem como objeto de estudo o conto “Yamami”, publicado no livro *Contos Negreiros* (2005), de autoria de Marcelino Freire. O objetivo principal está em analisar como a questão da exploração sexual infantojuvenil é representada nesta narrativa literária. Para isso, centramos nosso foco na personagem principal, que possui o mesmo nome do título do conto. Dessa forma as questões que nos nortearão serão as seguintes: De que maneira o conto apresenta a questão da violência sexual infantojuvenil? Qual ou quais os tipos de violência sexual podemos identificar por meio da representação da personagem?

A escolha dessa abordagem justifica-se por acharmos que essas questões que envolvem a prática da violência sexual precisam ser mais discutidas e analisada pelo viés literário, principalmente quando se trata da exploração sexual praticada contra crianças e adolescentes, temática ainda muito pouco focada pela literatura em comparação com outras temáticas e problemas. Isso porque a literatura abre-se espaço para o encantamento, a esperança, a coragem, a reflexão, a indignação, que nos movem adiante das questões postas no dia a dia, no sentido de que possamos refletir sobre o que seja igualmente bom e justo para todos.

Em função disso, do ponto de vista teórico-metodológico, para esta pesquisa de abordagem bibliográfica, buscamos embasamento nos estudos realizados pela ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência) (2002); Moreschi (2018), no que diz respeito à violência sexual de crianças e adolescente, como também na Lei 8.069 (Estatuto da Criança e Adolescente- ECA), no que se refere aos direitos assegurados a esses indivíduos. Para a discussão referente à Literatura Marginal, utilizaremos Nascimento (2006), Barros (2017) e Leite (2014).

Este trabalho tem por base uma organização em tópicos: “A violência sexual infantojuvenil na sociedade”, em que discutimos sobre os aspectos relacionados à violência sexual que envolve esse grupo em específico; “A Literatura Marginal: breves considerações”, com uma contextualização sobre a Literatura Marginal, tendo em vista que o autor do objeto em estudo se insere nessa vertente; “O índio na Literatura”, pontuando uma discussão sucinta da representação da figura do índio na literatura indigenista; e por último, tem-se a leitura do conto, focando na

representação da violência sexual infantojuvenil, abordada na narrativa por meio da protagonista.

## **2 A VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTOJUVENIL NA SOCIEDADE**

Embora não sejam de hoje os casos envolvendo a violência sexual infantil e juvenil, uma vez que desde tempos remotos<sup>4</sup> essa prática abusiva contra crianças e adolescentes se faz presente na nossa sociedade, nos dias atuais, evidencia-se que têm aumentado de forma assustadora, como também a discussão em torno dessa questão vem ganhando um pouco mais de visibilidade em variados contextos. Contudo, no Brasil, ainda não alcançou o debate necessário e suficiente. Nessa perspectiva, aponta a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA):

[...] a pedofilia e a exploração sexual comercial de crianças e adolescentes são temas, atualmente, de grande visibilidade e que mobilizam as sociedades de todos os povos do mundo. No entanto, no Brasil, eles são ainda assuntos pouco estudados (ABRAPIA, 2002, p. 5).

Na maioria das vezes, essa escassez de estudos ocorre em virtude do assunto ainda ser visto como um tabu na nossa sociedade, tendo em vista que a maioria dos casos de abuso sexual ocorre no próprio seio familiar, conseqüentemente, faz com que o tema não seja discutido abertamente e resulte em poucas investigações em torno dessa problemática.

Do ponto de vista da prática, segundo Moreschi (2018), a violência sexual pode se apresentar de duas maneiras: através do abuso sexual e da exploração sexual. No que diz respeito ao primeiro, trata-se da prática de utilizar a sexualidade da criança ou do adolescente para qualquer ato de natureza sexual. Assim, segundo a autora citada, é geralmente praticada por uma pessoa que possui uma relação de confiança com a vítima e que participa do seu convívio. Desse modo, essa prática de violência “pode se manifestar dentro do ambiente doméstico (intrafamiliar) ou fora dele (extrafamiliar)” (MORESCHI, 2018, p. 41). Já no que se refere ao segundo, trata-se de utilizar as crianças e adolescentes “para fins sexuais, mediada por lucro,

---

<sup>4</sup> De acordo com a ABRAPIA (2002, p. 18) “O abuso sexual de crianças não é um fenômeno do século XX. Relatos bíblicos apontam que a exploração sexual e o incesto, praticados pelos próprios pais ou parentes, desde épocas remotas”

objetos de valor ou outros elementos de troca” (MORESCHI, 2018, p. 41). Podendo ocorrer por meio de quatro maneiras:

**Exploração sexual no contexto da prostituição:** É o contexto mais comercial da exploração sexual, normalmente envolvendo rede de aliciadores, agenciadores, facilitadores e demais pessoas que se beneficiam financeiramente da exploração sexual. Mas esse tipo de exploração sexual também pode ocorrer sem intermediários.

**Pornografia infantil:** É a produção, reprodução, venda, exposição, distribuição, comercialização, aquisição, posse, publicação ou divulgação de materiais pornográficos (fotografia, vídeo, desenho, filme etc.) envolvendo crianças e adolescentes. A pornografia também pode ocorrer por meio da Internet.

**Tráfico para fins de exploração sexual:** É a promoção ou facilitação da entrada, saída ou deslocamento no território nacional ou para outro país de crianças e adolescentes com o objetivo de exercerem a prostituição ou outra forma de exploração sexual.

**Turismo com motivação sexual:** É a exploração sexual de crianças e adolescentes por visitantes de países estrangeiros ou turistas do próprio país, normalmente com o envolvimento, cumplicidade ou omissão de estabelecimentos comerciais de diversos tipos (MORESCHI, 2018, p. 41).

Como podemos observar a violência sexual ocorre por meio de diversas formas. Pode envolver o contato físico ou não, mas sempre é realizado para satisfazer os desejos sexuais de um indivíduo, no caso, o abusador. Este geralmente se aproveita da vítima, enquanto ser frágil, despertando a sua sexualidade, e com isso acaba gerando nela um sentimento de culpa pelo ocorrido. Com efeito, evidencia-se que tal prática possibilita potenciais riscos a provocar sérios problemas que, embora ocorridos na infância e adolescência, podem perdurar no decorrer de toda à vida, sejam eles físicos ou psicológicos (FLORENTINO, 2015).

No que diz respeito ao nível social, a prática abusiva pode ocorrer em todas as camadas da sociedade, sendo muito comum que o abusador seja um ente familiar querido ou amigo que tenha uma relação próxima com a vítima. Contudo, estudos apontam para o fato de crianças pertencentes a classes mais baixas, ou seja, em famílias mais humildes, tenderem a correrem riscos maiores de serem vítimas de determinadas violências sexuais, como é o caso da exploração sexual. Aliado a isso, outros aspectos históricos culturais também são elementos facilitadores para a ocorrência dessa violência sexual. Fato que podemos constatar através dos estudos realizados pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA):

A tradição cultural de aceitação do sexo de adultos com crianças, como ocorre especialmente em vários países asiáticos, a miséria e a

desigualdade social e econômica, a mundialização do consumismo, a trivialização do sexo e a erotização precoce de crianças são alguns dos fatores que favorecem a exploração sexual comercial das crianças (ABRAPIA, 2002, p. 13).

Dessa forma, a exploração sexual infantojuvenil, cujo foco consiste em usar as crianças e adolescentes para fins sexuais, visa um único objetivo que é a geração de lucros, ou seja, as vítimas viram uma espécie de “objetos”, “mercadorias”. Esse crime faz girar, segundo a ABRABIA (2002) milhões de dólares por ano. Pensando nisso, a Associação citada, juntamente com o Departamento da Criança e do Adolescente do Ministério da Justiça e a EMBRATUR - Instituto Brasileiro de Turismo, desde de 1997, desenvolveu e vem operacionalizando o Sistema Nacional de Denúncias<sup>5</sup>. Para isso, o Sistema adotou como principais formas de exploração sexual: “Práticas sexuais com crianças e adolescentes mediante alguma forma de pagamento; Turismo sexual por estrangeiros ou brasileiros; Tráfico como objetivo sexual; Pornografia e em especial a pornografia através da Internet” (ABRAPIA, 2002, p. 14).

No Brasil, há lugares, conforme Pinheiro (2015), bastante afetados com a problemática, geralmente são os lugares mais periféricos, como é o caso do Amazonas. Este estado vem, já há algum tempo, sendo alvo de denúncias em diversas reportagens, a título de exemplo citamos uma ocorrida em 2014, registrada por Pinheiro (2015, p. 34):

O Estado do Amazonas, nos últimos anos (2013-2014), foi algo de repercussão midiática de casos de violência sexual contra crianças e adolescentes, que foram vítimas de esquemas poderosos de abuso e exploração sexual que usurpam seus direitos de desenvolvimento psicossocial e de realização de seus sonhos. O programa Fantástico apresentou uma reportagem intitulada 'Vergonha Nacional', denunciava que 'meninas de 9 a 15 anos, tinham sido violadas sexualmente por parte de um grupo de pedófilos que seria liderado por um prefeito [...]'. O acusado pela Justiça de crimes sexuais contra menores é Adail Pinheiro. Adail vive na mesma cidade das vítimas. Ele é prefeito de Coari, uma cidade de 77 mil habitantes, às margens do Rio Solimões, no interior do Amazonas'.

Como podemos observar, essa prática criminosa da violência sexual infantojuvenil é um caso complexo e assustador, pois, na maioria das vezes, os que

---

<sup>5</sup> Segundo a ABRAPIA (2002, p. 15) “O Sistema Nacional de Combate à Exploração Sexual Comercial e ao Abuso Sexual contra Crianças e Adolescentes tem duas vertentes: o Sistema de Denúncias e a Rede Nacional, composta por centros de Defesa, Órgãos de Segurança, Judiciário, Ministério Público, defensoria Pública, Conselhos Tutelares e Conselhos dos Direitos da Criança e do Adolescente em todos os estados brasileiros”.

deveriam proteger são justamente os que cometem os crimes, o que acaba dificultando cada vez mais o combate a esse tipo de violência.

Em meio a essa problemática, torna-se necessário enfatizar que além das Associações, Departamentos, e ONGs, tanto governamentais como não governamentais existentes em nosso país, também existe a Lei de número 8.069, que regulamentou o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Essa Lei foi criada em 13 de Julho de 1990, e serve para proteger integralmente as nossas crianças e adolescentes. Segundo o Artigo 3º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA):

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (BRASIL, 1990, p. 15).

A referida Lei ainda atesta que é dever de todos nós (Poder Público, família, comunidade, sociedade em geral) lutar, dentre outros direitos, pela garantia ao respeito e a dignidade das crianças e adolescentes. No que se refere, de modo mais específico à prática de violência sexual, a Lei 8.069 destaca que:

Art. 241-D. Aliciar, assediar, instigar ou constranger, por qualquer meio de comunicação, criança, com o fim de com ela praticar ato libidinoso  
Pena – reclusão, de 1 (um) a 3 (três) anos, e multa  
Parágrafo único. Nas mesmas penas incorre quem:  
I – facilita ou induz o acesso à criança de material contendo cena de sexo explícito ou pornográfica com o fim de com ela praticar ato libidinoso.  
II – pratica as condutas descritas no caput deste artigo com o fim de induzir criança a se exhibir de forma pornográfica ou sexualmente explícita  
Art. 241-E. Para efeito dos crimes previstos nesta Lei, a expressão “cena de sexo explícita ou pornográfica” compreende qualquer situação que envolva criança ou adolescente em atividades sexuais explícitas, reais ou simuladas, ou exibição dos órgãos genitais de uma criança ou adolescente para fins primordialmente sexuais (BRASIL, 1990, p. 115).

Contudo, o que notamos é que apesar da existência do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), como também de outras medidas legais que servem para proteger crianças e adolescentes, os crimes ocorrem como se não existissem punições para tais atos, como também o assunto acaba sendo muito pouco discutido no nosso meio social. Por isso é tão importante encontrarmos meios para que essas discussões venham à tona, podendo, assim, gerar uma reflexão crítica nas pessoas

e conseqüentemente um maior combate a esse crime. E a literatura é um desses meios.

## **2.1 A Literatura Marginal: algumas considerações**

O termo Literatura Marginal, ou periférica, surgiu no Brasil na década de 1970, inicialmente para designar o movimento “Poesia Marginal”, formado por um grupo de poetas que passaram a produzir de forma autônoma e divulgar seus textos de maneira alternativa, ou seja, expondo suas produções em muros, jornais, dentre outros meios, e vendendo em espaços públicos, como nos bares e praias.

Segundo Nascimento (2006) os poetas pertencentes a este movimento eram de classe média e alta, estudantes universitários, que tinham uma ligação com o cinema, teatro e música. No que diz respeito às características dessas produções, denominadas de marginais, eram marcadas “pelo tom irônico, a escolha pelo uso de uma linguagem coloquial, drogas e sexo como temáticas principais e a tematização do cotidiano carioca predominantemente de classe média” (NASCIMENTO, 2006, p. 19).

Após a década de 1990, a chamada Literatura Marginal, agora contemporânea, ganha novos contornos no que se refere a alguns aspectos. Apesar de também ser composta por um grupo de escritores que utilizam de meios alternativos para divulgar suas produções, como por exemplo, a internet, diferente do movimento despontado nos anos de 1970, esses autores pertencem geralmente a classes populares, são moradores das periferias brasileiras, sua grande maioria é formada por homens e residem em São Paulo (BARROS, 2017). Esses autores, conforme indica Barros (2017), passaram a conquistar o seu espaço no cenário editorial a partir da publicação do livro *Cidade de Deus*, publicado em 1998, de autoria de Paulo Lins. Mais tarde, dos anos de 2002 a 2004, foi a revista denominada *Caros Amigos*, organizada por Ferréz (Reginaldo Ferreira da Silva) que proporcionou maior visibilidade aos autores e textos.

Segundo Barros (2017, p. 24), “A série Literatura Marginal em três atos: Ato I (2001), Ato II (2002) e Ato III (2004) e trouxe à cena vários autores desconhecidos”. Dentre esses autores, podemos citar Dona Laura, os indígenas Káli Arunoé e Maria

Inzine. Como também destacou os textos de autores já conhecidos, como Plínio Marcos, João Antônio e Solano Trindade.

Quando às características composicionais e às temáticas presentes nesses textos da Literatura Marginal Contemporânea, segundo Nascimento (2009), verificam-se:

Linguagem coloquial, apelo visual com desenhos, fotos (nos livros) e grafites (nas revistas); recorrência de gírias do hip hop e das periferias; uso do palavrão, utilização da linguagem das periferias urbanas, com construções escritas que destoam da norma culta [...] vida e prática dos membros das classes populares; problemas sociais, como violência, carência de bens e equipamentos culturais, precariedade da infraestrutura urbana, relações de trabalho - predominantemente associados ao espaço social da 'periferia' (NASCIMENTO, 2006, p. 19).

Como podemos observar, essa Literatura tem como foco trazer a voz dos excluídos, marginalizados para o centro das discussões, haja vista que foram afastados desse espaço por tanto tempo, pois a tendência da literatura canônica sempre foi de excluir. Para isso, os autores usam temas e formas estruturais em seus textos que, de certa forma, acaba por contribuir para uma desconstrução do fechamento proposto pelo cânone.

Gonzaga (1981), citado por Barros (2017), enfatiza que desde a década de 70 são três os significados que acompanham a Literatura Marginal:

o primeiro está associado a obras que não circulam pelo mercado editorial, são produzidos e comercializados pelos seus autores de forma autônoma, o segundo refere-se a textos que recusam a norma culta da linguagem ou os valores estéticos de determinado contexto e o terceiro seriam projetos de representação de grupos marginalizados pela sociedade (GONZAGA, 1981 *apud* BARROS, 2017, p. 25).

Além desses, também foram sendo introduzidos recentemente outros significados à Literatura Marginal, a exemplo, conforme indica Barros (2017), de designar obras literárias que não fazem parte do cânone ou também que são produzidas pelas chamadas minorias, ou seja, por negros, mulheres e homossexuais. Sob o ponto de vista de Hossne (2003), referenciada por Barros (2017, p. 25), a Literatura Marginal é “um tipo de literatura que não necessariamente está se excluindo do mercado editorial ou do cânone, mas, é produzida por quem é excluído social e economicamente”.

Dentro desse contexto, o autor em estudo, Marcelino Freire, tem uma produção de destaque na Literatura Marginal Contemporânea. Natural da cidade de

Sertânia, interior de Pernambuco, Marcelino Freire atualmente reside em São Paulo. É autor dos livros de contos *Angu de Sangue* (2000), *Balé-Ralé* (2003), *Contos Negreiros* (2005) *Rasif - Mar que Arrebenta* (2008), e *Amar é crime* (2010). Do romance *Nossos ossos* (2013), também publicou aforismos *Era Odito* (2002), e um ensaio *Bagageiro* (2018). Foi ganhador dos prêmios: Machado de Assis, em 2014, na categoria Romance pela obra *Nossos Ossos*; Jabuti no ano de 2006 pela publicação de *Contos Negreiros* (2005), na categoria contos; e foi finalista na categoria romance também com *Nossos Ossos. Segundo Leite* (2014):

Freire faz parte da literatura marginal nas três tendências apontadas por Gonzaga (1981). [...] é marginal no que diz respeito à editoração, foge aos padrões normais de editar, distribuir e fazer circular; quanto à linguagem utilizada, pois, recusa a linguagem institucionalizada proveniente do poder dominante e; porque apresenta a fala daqueles setores excluídos dos benéficos do sistema (LEITE, 2014, p. 01)

No livro *Contos Negreiros*, observa-se nitidamente essas questões frisadas por Leite. O autor Marcelino, por meio de uma linguagem crua fragmentada, escreve “como quem pisa no massapê, chão de barro negro, como a fala preta amassada entre os dentes [...]” (XICO SÁ, 2005, p.11), traz temáticas críticas sociais atuais, abordando temas referentes aos negros, à violência, à homossexualidade, ao turismo sexual, dentre outros, dialogando, assim, como bem enfatiza Leite (2014) com a realidade social brasileira.

## 2.2 A representação do índio na Literatura indigenista brasileira

A figura do índio na literatura, no decorrer do tempo, foi retratada de diversas maneiras, que vão desde a personagem idealizada, passando pelas representações cuja pretensão está em denunciar a marginalização e exploração do povo indígena, até aquelas que buscam destaque e protagonismo nas obras literárias, sendo retratada pela visão do próprio indígena.

Conforme Carvalho (2018, p.175),

As condições dadas para a produção ficcional em terra brasilis, claro, sempre obedeceu a uma perspectiva de apreensão lusófona, segundo críticos mais acerbos. O indianismo de Gonçalves Dias ou José de Alencar, ou mesmo as complexas possibilidades de diálogo antropófago de Oswald de Andrade, tudo isso construiu uma perspectiva de apreensão do ser indígena pela ótica colonizadora, ou neocolonizadora, e a construção do nosso arsenal literário esteve atrelado indubitavelmente em prol de afirmar

um sujeito que deveria se enquadrar numa problemática em que ele funcionaria como um apêndice privilegiado, se nos permitirmos ainda, a essa altura, um outro paradoxo.

Dessa forma, o índio é representado na literatura brasileira pelo viés de três tendências específicas: a literatura indianista, na qual, segundo Carvalho (2018), a representação do índio estava diretamente relacionada à tendência literária de idealização da vida indígena no século XIX, ou seja, o índio era representado como um ser exótico e idealizado; a literatura indigenista, surgida no início do século XX, apresenta o índio por uma perspectiva diferente da idealizada - é sobre essa tendência que nos deteremos de forma mais específica nesse trabalho, tendo em vista que é dessa que mais se aproxima nosso foco de estudo com a obra de autoria de Marcelino Freire citada; e a literatura indígena, essa vertente vem ganhando, pouco a pouco, espaço nos dias atuais, trata-se da literatura escrita pelo próprio povo indígena, retratando sua própria cultura, mitos e rituais.

A literatura indigenista surge após o indianismo, abordando o índio como tema central, porém por uma ótica diferente. Agora este deixa de ser representado de forma idealizada, passando a ser representado de modo que proporcionasse uma discussão sobre a situação de marginalização a que este estava submetido. Nessa perspectiva, segundo aponta Kauss (2009), a literatura indigenista consiste em:

Uma literatura de protesto contra a situação em que se encontravam os povos indígenas e a firme decisão de mudar a situação. A literatura indigenista vai defender o índio e usá-lo como veículo de expressão dentro de uma escrita altamente comprometida (KAUSS, 2009, p. 63).

Desse modo, notamos que nessa tendência há certo reconhecimento da figura do índio, uma vez que passa a ocupar, de certa forma, um lugar mais importante nas obras literárias, no entanto, continuam ainda sendo representados pela perspectiva do outro, conforme nos indica Carvalho (2018):

[...] no século XX, por meio de uma dinâmica de reconhecimento. [...] o ficcionista deu a ele um lugar de destaque, mas sem retirá-lo da periferia ordinária em que ele se encontrou desde o início do processo colonizador (CARVALHO, 2018, p. 172).

Nesse caso, o índio ainda não é representado como uma personagem que possui voz própria dentro da narrativa; o que ocorre é uma ênfase maior dada na abordagem da situação vivenciada por este na sua realidade sociocultural. Essa

ênfase é dada geralmente, segundo Kauss (2009), por escritores que descendem, convivem ou sentem-se atraídos pela cultura indígena. Dessa maneira, esses escritores procuram compreender e retratar a figura, bem como a cultura do índio através de suas próprias visões. É o que ocorre com os autores, Antônio Callado, em sua obra *Quarup*, publicada em 1967; Darcy Ribeiro, em *Maíra*, publicada em 1976; e no conto *Meu tio o Iauaretê*, de Guimarães Rosa, publicado em 1969. Segundo Silva (2009), essas três obras representam:

[...] o deslocamento do conceito de indianismo para a esfera do indigenismo literário, no qual o indígena é posto em constante conflito perante a comunidade nacional que não o integra como cidadão e não o reconhece como povo diferenciado em seus costumes e crenças. Do conjunto de fatores intrincados pelo jogo econômico e cultural emerge a representação de um índio desarticulado de sua mentalidade primitiva e acorrentado a uma condição de desajustamento [...] (SILVA, 2009, p. 346).

Desse modo, ao voltarmos nosso olhar para a narrativa do conto “Yamami”, onde podemos observar que há uma aproximação da figura do índio representado na literatura indigenista, tendo em vista que o autor mostra uma clara preocupação em abordar criticamente e, conseqüentemente, denunciar a situação de exploração, miséria e invisibilidade em que vivem os índios no Brasil.

O conto “Yamami” é a última narrativa do livro *Contos Negreiros* (2019), publicado em 2005. Essa obra, em geral, está composta por dezesseis contos, também chamados de cantos pelas características peculiares que apresenta, como a estrutura rítmica e a oralidade. Com relação às temáticas, todos os contos/cantos, abordam temas voltados para a figura dos marginalizados socialmente, a exemplo dos negros, homossexuais, prostitutas, índios, dentre outros. Em todos os contos há um teor de denúncia da exclusão e violência sofridas por esses grupos sociais.

### **3. A VIOLÊNCIA SEXUAL NO CONTO “YAMAMI”**

A narrativa de “Yamami” gira em torno da história de uma menina de treze anos, indígena, moradora do Amazonas e vítima de exploração sexual. A trama se passa em ambientes distintos, uma vez que trata da viagem de um turista estrangeiro ao Brasil. Porém, a maior parte da trama se concentra na região da Amazônia, local de destino do turista. Já de volta ao seu país, em uma conversa

com um amigo, o turista passa a narrar sua viagem e estadia no Brasil. Por meio desse diálogo entre as personagens, ambos sem nome próprio, citados na narrativa, o leitor vai conhecendo a história da jovem indiazinha que dá nome ao conto.

O conto inicia-se com o amigo indagando ao turista sobre o povo indígena e a floresta amazônica. Respondendo a tais indagações, este passa a relatar a respeito de sua viagem. Para tanto, apresenta-se na condição de um narrador em primeira pessoa, onisciente, fazendo uso de uma linguagem coloquial mesclada de palavrões, elementos característicos, conforme indica Nascimento (2006)<sup>6</sup>, da Literatura Marginal. Neste diálogo, o turista retrata de forma depreciativa os índios e a região do Brasil, como um local que não lhe interessava e nem apresentava nada de bom, com exceção de Yamami. Vejamos uma passagem:

E os índios?  
 O que têm os índios?  
 O que você achou dos índios do Brasil?  
 Fodam-se os índios do Brasil. Toquem fogo na floresta. Vão à merda.  
 Que turista é você? E a febre amarela?  
 Só lembro de Yamami.  
 Yamami.

(FREIRE, 2019, p. 105).

A partir desses fragmentos, podemos inferir que o autor, por meio de uma linguagem questionadora e afirmativa, emprega um tom irônico ao tecer uma crítica à situação de marginalização sofrida pelo povo indígena, bem como o desmatamento da floresta amazônica, que são vistos e negligenciados pelas pessoas, nesse caso retratado no conto, em específico, pelos povos estrangeiros. Observa-se, ainda, que a personagem faz menção à febre-amarela, enfatizando a relação da doença com aquela região. Os questionamentos ficam em aberto para o leitor, contudo, somente o fato de questionar já mostra uma perspectiva de crítica impressa ao texto.

No entanto, como já enfatizado, para o turista nada na Amazônia merecia a devida importância, a não ser a indiazinha Yamami. Nesse ponto, a narrativa deixa nítida uma crítica à prática da exploração sexual infantojuvenil no Brasil, não apenas

---

<sup>6</sup> Tanto a primeira geração de poetas da Literatura Marginal quanto à nova trazem em seus textos características como a “linguagem coloquial, poesia versada ou discursiva, apelo visual com utilização de desenho e fotos, tom irônico, uso de palavrão, temas relacionados à vida cotidiana e a prática social da época” (nascimento, 2006. p.19)

na Amazônia, como em outras regiões do país. Como podemos observar no seguinte trecho:

Dizem que lá tem muita criança na rua.  
Nua.  
É comum, por todo canto.  
Dizem que tem menina abandonada em Rondônia, Roraima. No Ceará, em Pernambuco. Vendidas no coração de Rio Branco.

(FREIRE, 2019, p. 108).

Como é possível verificar, existem, no Brasil, leis em defesa da criança e do adolescente, como é o caso do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), assegurando-os proteção integral contra qualquer conduta e ato que venha prejudicar o seu “desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social” (BRASIL, 1990, p. 15). Entretanto, sabemos que há uma grande deficiência no cumprimento das Leis no Brasil. Na narrativa, é abordado esse descaso, quando o turista faz uma comparação com o seu país: “Sempre gostei de crianças. Aqui é proibido” (FREIRE, 2019, p. 105). Em outro momento do conto, a personagem, referindo-se ao Brasil, enfatiza: “Lá posso colocar Yamami no colo e ninguém me enche o saco. E ninguém fica me policiando. Governo me recriminando.” (FREIRE, 2019, p. 108). Usando de termos de tom coloquial, acaba fazendo apologia à impunidade como uma identidade brasileira.

No decorrer da narrativa, o turista segue respondendo às perguntas do amigo, e enfatiza como foi a sua chegada ao Brasil, momento em que se deparou com o mercado central de Manaus:

Você chega, estanca seu olhar em volta, seu olhar em cada buraco, estopa, saco. E vê no mercado. Um extenso mercado no centro da cidade. A puta que você vê tem onze anos. Ou menos. Parece. Não cresce. Vive seminua, sujinha e deliciosa, esperando a lotação da balsa. Há tucanos para vender. E corpos. (FREIRE, 2019, p. 106).

Conforme indica o fragmento, dentre às práticas ilegais apontadas como a venda de animais da região, a exploração sexual de crianças e adolescentes é uma prática recorrente na região. Nota-se que os corpos das meninas são vistos como qualquer outro tipo de mercadoria, objetificando ainda mais o corpo feminino infantil, associando-o aos termos “sujo” e “delicioso”. É nesse espaço que o turista encontra Yamami, descrita por ele como uma:

Indiazinha típica de uns 13 anos. As unhas pintadas, descalçadas. Tintas extintas na cara. Coisinha de árvore. A pele vermelha e ardente. Virei um canibal, de repente. Não é tão deliciosa a carne de tamanduá-bandeira. (FREIRE, 2019, p. 106).

Pelo discurso, observa-se o turista/abusador, que se autodenomina como “um branco pálido e Telepático” (FREIRE, 2019, p. 107), revelar a sua intenção em manter relações sexuais com a menina. No fragmento citado, também podemos notar que ele compara o corpo da criança a uma carne comestível, assim como a do animal tamanduá-bandeira, embora em uma comparação negativa ao destacar que esta carne “não é tão deliciosa”. Dessa forma, podemos inferir que o texto além de indicar a exploração sexual, pauta uma crítica a outra prática ilegal, que é o crime ambiental praticado contra os animais na região da Amazônia, já que se trata de animal ameaçado de extinção.

O estrangeiro segue descrevendo como passou a ter relações com a menina, que virou sua “meretriz”, o seu “turismo”. Vejamos a descrição: “Pisquei para Yamami e saímos. Fiz sinal de fumaça, acendi um cigarro. Yamami, venha comigo” (FREIRE, 2019, p. 107). Nesse ponto, fica confirmada a prática do turismo sexual.

Moreschi (2018) mostra que o turismo sexual é uma das práticas de exploração de crianças e adolescentes, podendo envolver turistas de países estrangeiros, como também turista do próprio país. Na narrativa, identifica-se essa questão quando o turista faz menção ao fato: “Outras meninas gaiolando os gringos. Também brasileiros vêm e se enroscam na rede” (FREIRE, 2019, p. 107). Isso revela aspecto da impunidade abordado na narrativa perante a exploração sexual com menores de idade praticada pelos turistas. Fato tratado no decorrer da narrativa quando a personagem vai relatando como viveu de forma livre, sem proibições com Yamami no Brasil, chamando a atenção para a facilidade do ato ilícito.

É importante enfatizar que na exploração sexual, de acordo Moreschi (2018), há a relação dos dois envolvidos, vítima e explorador, mediada pelo lucro, objetos de valor e outros elementos de troca. Como podemos verificar no discurso da personagem: “Virei amante de Yamami, ao ar livre. Dei dinheiro para Yamami, joias, espelhos, colares. Fiz Yamami vestir calcinhas coloridas. Minha menina” (FREIRE, 2019, p 108). Nesse ponto da narrativa, também podemos verificar que há uma relação de representação entre a exploração sexual da índia com o fato dos

portugueses terem enganado os índios, numa contínua exploração dos povos nativos, tratados como subalternos.

Nesse sentido, cabe destacar, conforme nos aponta Serpa e Felipe (2019) citando os estudos de Faleiros (2014), que a prática da exploração sexual tem sido considerada uma forma de escravidão modernizada, o que consiste em uma das maiores violações dos direitos das crianças e adolescentes. Nesse caso, é importante ressaltar que, diferente da prostituição adulta, a criança e adolescente, ao estarem nessa situação, não estão se prostituindo de forma autônoma, pois estão sendo vitimizadas pela prática criminosa de outros.

No conto em estudo, podemos notar que esse outro que pratica o ato criminoso trata-se do turista, que mostra de forma clara seu interesse em manter relações com a menina, mesmo tendo consciência que estava cometendo um crime. Dessa forma, Yamami, representa as inúmeras meninas que são exploradas cotidianamente na região da Amazônia, por turistas que aproveitam da situação social em que vivem e passam a usá-las como um objeto de troca.

Em outro momento do conto, o turista descreve como se lembra da indiazinha: “Mora na minha memória aquele umbigo. A mão fininha de Yamami vai e vindo.” (FREIRE, 2019, p. 107). Fato que o faz querer voltar ao Brasil, sair do seu país de primeiro mundo, e,

morrer no horizonte. Estonteante. Nos esconderijos de Yamami. Minha liberdade sensível. O cheiro caçador de Yamami, os seus peitinhos. Pequeninhos. Seus olhos fechando os meus testículos. O mercado verde está longe e feliz.  
Minha alegria primitiva, Yamami. O meu sorriso.

(FREIRE, 2019, p. 108).

Observa-se que o turista faz referência ao mercado de comercialização de corpos; como também descreve o corpo de Yamami com certo ar de erotismo e sem nenhum pudor, como se o ato de se relacionar com a menina fosse algo normal.

No final do conto, temos a descrição de sua saída da Amazônia, relatando a despedida de Yamami. Momento em que aponta que, para além dessa índia, outras meninas vivem na mesma situação: “Yamami veio me deixar no escadós do barco. Ela e algumas amiguinhas. Yamami, Cauã, Jacira, Luanda” (FREIRE, 2019, p. 109).

O conto encerra-se, semelhante à forma que se inicia: o amigo do turista o indaga se ele gostou do Brasil, ao passo que o turista mostra, mais uma vez, seu

total desinteresse pelo país, pela cultura ou até mesmo pelos problemas sociais, e afirma: “Não gostei do Brasil, caralho” (FREIRE, 2019, p. 109). Na sua visão, o Brasil era São Paulo, cidade longe, parecida com o país gelado em que vivia; a Amazônia, assim como Yamami, não tinha nada a ver com o Brasil. Dessa forma, constitui-se a indicação irônica sobre o descaso com a região, mediante a capital paulista, em detrimento das periferias. Mais que dois Brasis pesa a relação centro e periferia: aquele tudo, a este apenas a condição de ser explorado.

Nessa relação baseada na exploração, o povo indígena acaba sendo visto como “outro”, um estranho no seu próprio país, cuja identidade é desvinculada da sua nacionalidade. De forma que:

O modo pelo qual define o índio acaba por transformá-lo em “outro”, especial, à parte, diferente, estranho, estrangeiro. Pode tanto ser um fato da natureza como um estranho estranhado, estrangeiro. Se não é, pode ser; potencialmente. A sua língua, a sua cultura espiritual e material, os seus deuses, tudo acaba servir de base para que a FUNAI e o Estatuto do Índio estabeleçam uma política indigenista que se funda, de modo explícito ou por implicação, na ideia de que o “índio” se distingue e se contrapõe ao “nacional”. O que é indiscutível é que essa política não o reconhece como nacional, nem brasileiro. É o “índio”, ou “silvícola”, visto como outro, diferente, estranho, estrangeiro na sua terra” (IANNI, 2004, p. 198 *apud* WEIS, 2016, p.40).

Assim, nota-se que desde a colonização até os dias atuais, há uma desvalorização do povo indígena, da sua cultura e identidade, acarretando em um silenciamento, um não reconhecimento desses cidadãos como brasileiro. Fato este ainda bastante atual o que chama a atenção para as relações entre o “eu” e o “outro”, e parâmetros que permeiam sistemas simbólicos de representação, bem como por formas de exclusão social que envolvem relações de poder. O enredo do conto acaba por dar destaque à realidade de crianças indígenas, seus direitos e as situações de violência sexual que as afetam.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conforme apresentado no decorrer deste estudo, a violência sexual infantojuvenil tem sido uma prática que ocorre com frequência na nossa sociedade. Em função disso, verifica-se que um dos meios de combater essa prática criminosa, seja a informação, ou seja, é preciso que a população esteja informada e preparada

para saber lidar e tomar iniciativas, tanto no que diz respeito à prevenção, como no que se refere à denúncia do crime.

Ao trazer essa problemática da exploração sexual de criança e adolescente como tema, a literatura também se inscreve na linha das manifestações humanas que visam não somente tornar exposta ou conhecida uma dada situação, como possibilita mecanismos para uma reflexão e tomada de consciência referente à esta problemática que se faz tão presente na sociedade.

Nesse processo, a Literatura Marginal contemporânea é uma das vertentes que vem colocando em destaque não só a questão da violência, mas também outros temas que envolvem os indivíduos marginalizados. Um exemplo disso está no conto “Yamami”, de Marcelino Freire que, através de uma linguagem marcada pelo diálogo, aborda a temática da violência contra a criança/adolescente, com foco sobre o povo indígena, grupo que ainda é pouco visibilizado nos estudos literários.

As cenas e episódios que compõem a narrativa não só demonstram uma realidade aparentemente corriqueira, mas também pautam uma crítica à situação vivenciada por tantas meninas na região da Amazônia. Fato este que expõe uma problemática existente em outros espaços no Brasil muitas das vezes facilitada pelo descaso por parte das autoridades em coibir com base na lei.

A partir da análise do conto, pôde-se observar que a representação da personagem Yamami é posta como um exemplo do que ocorre na prática, de violência sexual, dada na forma de exploração sexual, ocorrida por meio do turismo. Em função disso, constata-se que a personagem era vista como um objeto, inclusive o único que proporcionava prazer no lugar, pois o local é desqualificado, para tanto o narrador utiliza-se de termos negativos como uma forma de desvalorizá-lo. Observa-se que há, no decorrer da narrativa, uma crítica à impunidade ao crime do turismo sexual, tendo em vista que o turismo facilita o sujeito explorador, vindo do estrangeiro, entrar e sair do país, sem acarretar nenhuma punição pelo mau ato cometido. Tem-se também a presença de uma crítica ao mercado ilegal de venda de animais na região, em via de extinção.

Ademais, a partir da análise do conto, constata-se o papel de fundamental importância desempenhando pela literatura, que possibilita mover reflexões sobre uma problemática que parece ser naturalizada, aceita como comum, mas à medida que é posta como matéria literária, possibilita o leitor refletir, construir outro conceito, e, conseqüentemente, desconstruir a ideia de que seja algo aceitável.

Desse modo, acreditamos que essa pesquisa contribuirá de forma significativa para academia, uma vez que a temática abordada, bem como a figura do povo indígena, ainda é pouco estudada no meio literário, necessitando, assim, de uma maior visibilidade. Nesse sentido, fica evidente a possibilidade de despertar o interesse de novos pesquisadores a alçar estudos e discussões tanto no que diz respeito à violência sexual infantojuvenil e aos índios, como também aos textos literários de autoria de Marcelino Freire.

## 5. REFERÊNCIAS

ABRAPIA. **Abuso sexual contra criança e adolescentes**. Petrópolis, RJ: Editora Autores & Agentes & Associado, 2002.

BARROS, Gracinda Vieira. **A literatura marginal periférica nos movimentos sociais em rede**. Tese (doutorado)- Universidade Federal de Juiz de Fora. 189 f. 2017.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <https://www.mdh.gov.br/todas-as-noticias/2019/maio/governo-federal-lanca-nova-edicao-do-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-eca/ECA2019digital.pdf> Acesso em: Ago. 2019.

CARVALHO, João Carlos de. Indianismo, Indigenismo ou Pós-Indianismo na Literatura Brasileira? **Revista Igarapé**, v. 11, n. 2, 2018, p. 170-186.

FLORENTINO, Bruno Ricardo Bérqamo. “As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes”. In: Fractal: **Revista de Psicologia**, v. 27, n. 2, p. 139-144, maio-ago. 2015.

FREIRE, Marcelino. **Contos Negreiros**. 11 ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

KAUSS, Vera Lúcia Teixeira. Literatura indígena: o resgate da oralidade ancestral na escrita polifônica do presente. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, v. 8. N. 29, p. 59-83, 2009. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/viewFile/521/513>. Acesso em: Outubro de 2019.

LEITE, Gérsica Cássia Ferreira. **A invisibilidade da criança nos contos de Marcelino Freire**. Universidade Federal de Pernambuco. Anais [http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/Modalidade\\_1datahora\\_25\\_05\\_2014\\_16\\_19\\_45\\_idinscrito\\_146\\_95748c26e0f63686bd55e64e1247efbb.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/Modalidade_1datahora_25_05_2014_16_19_45_idinscrito_146_95748c26e0f63686bd55e64e1247efbb.pdf) Acesso em Set. 2019.

MORESCHI, Marcia Teresinha. **Violência contra crianças e adolescentes: análise de cenário e propostas de políticas públicas**. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **“Literatura marginal”: os escritores de periferia entram em cena**. Dissertação (mestrado)- Universidade de São Paulo. 211 f., 2006.

PINHEIRO, Maria Joseilda da Silva. **Violência sexual contra crianças e adolescentes no Amazonas e os paradoxos do controle social**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social)- Universidade Federal do Amazonas 153 f, 2015.

RIBEIRO, Márcia Aparecida; FERRIANI, Maria das Graças Carvalho; REIS, Jair Naves dos. "Violência sexual contra crianças e adolescentes: características relativas à vitimização nas relações familiares". In: **Violência sexual e relações familiares**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 20(2):456-464, mar- abr, 2004.

SANTOS, Luzia Aparecida Oliva dos. **O percurso da indianidade na literatura brasileira: matizes da figuração** [online] São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009, 447 p.

SERPA, Monise Gomes; FELIPE, Jane. O conceito de exploração sexual e seus tensionamentos: para além da dicotomia vitimização-exploração. **Revista Estudos Feministas**. vol. 27 nº 1 Florianópolis. Epub. Mar., 2019

XICO SÁ. É doce, mas não é mole não. In.: FREIRE, Marcelino. **Contos Negreiros**. 11 ed. Rio de Janeiro: Record, 2019, p. 11-13.

WEIS, Bruna Moraes da Costa. **Conflito de sobreposições: O reconhecimento das terras indígenas e as Unidades de Conservação Ambiental Brasileira**. Dissertação (mestrado)- Universidade Federal do Rio Grande. 100 f. 2016.

**ANEXO**  
**CANTO XVI “YAMAMI”**

E os índios?

O que têm os índios?

O que você achou dos índios do Brasil?

Fodam-se os índios do Brasil. Toquem fogo na floresta. Vão à merda.

Que turista é você?

E a febre amarela?

Só lembro de Yamami.

Yamami.

Sempre gostei de crianças. Aqui é proibido. Yamami, meu tesouro perdido. Passei por uma cidade chamada Cuiabá, depois Corumbá. Parintins, Parin-tintins, sei lá. Viajei no barco Barão do Amazonas.

Há peixes gigantes?

Não, pequenos.

Como pequenos?

Minhocas sul-americanas, não enche o saco.

Puta que pariu. O barco na corrente. Manaus é a capital, chegamos. O mercado à boa do rio é um rio de frutas. As maçãs macias. Belíssimas melancias.

Não, não trouxe fotografias.

Como não?

Não tive tempo.

Como não?

Fotografar aquela merda é um desperdício.

Merda?

Fiquei em um hotel em cima do Rio Negro. Vento calorento. Meu sonho era esse, sair da frieza deste meu lugar. Ir ao extremo.

Você chega, estanca seu olhar em volta, seu olhar em cada buraco, estopa, saco. E vê no mercado. Um extenso mercado no centro da cidade. A puta que você vê tem onze anos. Ou menos. Parece. Não cresce. Vive seminua, sujinha e deliciosa, esperando a lotação da balsa. Há tucanos para vender. E corpos.

Vivi Yamami lá. Indiazinha típica de uns 13 anos. As unhas pintadas, descalçadas. Tintas extintas na cara. Coisinha de árvore. A pele vermelha e ardente. Virei um canibal, de repente. Não é tão deliciosa a carne de tamanduá-bandeira.

E a madeira?

O quê?

Dizem que há muita madeira e borracha.

Besteira. Eles não têm nada.

Segui o rastro que desce pelo mercado. O mercado é intransitável. Os gritos irritam. Tudo bem. Falam demais os nativos, são simpáticos. Yamami não saiu do meu juízo. Há outras putinhas no entulho. Você quer ir para Santarém, tem. Se não quer ir, tem. Os barcos a motor. Muita gente já se foi nesse vaivém. Não voltaram mais. Há navegações que afundam com mais de cem.

Pisquei para Yamami e saímos. Fiz sinal de fumaça, acendi um cigarro. Yamami, venha comigo. Sou um branco pálido e telepático. Estou de férias, caralho, longe do meu país, infeliz. Yamami, minha meretriz, o meu turismo.

Outras meninas gaiolando os gringos. Também brasileiros vêm e se enroscam na rede. Há cheiro fudido de peixe, morte de passarinhos.

Mora na minha memória aquele umbigo. A mão fininha de Yamami vai e vindo. O vento do rio no mato. Trabalhar o ano inteiro fechado nesse laboratório, isso é vida? Ficar fazendo teste de urina, para quê? Quero ir embora deste meu destino. Não quero morrer no primeiro mundo. Quero morrer no horizonte. Estonteante. Nos esconderijos de Yamami. Minha Liberdade sensível. O cheiro caçador de Yamami, os seus peitinhos. Pequeninhos. Seus olhos flechando os meus testículos. O mercado verde está Longe e feliz.

Minha alegria primitiva, Yamami. O meu sorriso.

E os crocodilos?

Morram os crocodilos.

Lá posso colocar Yamami no colo e ninguém me enche o saco. E ninguém fica me policiando. Governo me recriminando.

Dizem que lá tem muita criança na rua.

Nua.

É comum, por todo canto.

Dizem que tem menina abandonada em Rondônia, Roraima. No Ceará, e Pernambuco. Vendidas no coração de Rio Branco.

Yamami pulando, chupando caroço de manga, me lambuzando. Yamami escorregando pelos galhos, nos cipoais do pântano.

Virei amante de Yamami, ao ar livre. Dei dinheiro para Yamami, jóias, espelhos, colares. Fiz Yamami vestir calcinhas coloridas. Minha menina.

Você não gostou do Brasil?

Yamami veio me deixar no escadós do barco. Ela e algumas amiguinhas. Yamami, Cauã, Jacira, Luanda. Coisa bonita o choro de Yamami. O vento acenando as suas penas. De pavão, na despedida. Penas de arara. O mercado cheirando a merda. A bacia do rio indo embora e me levando.

Não gostei do Brasil, caralho.

Yamami não tem nada a ver com o Brasil. O Brasil é São Paulo, uma cidade longe, parecida com esse continente de gelo, Yamami.

O meu corpo vazio.

## AGRADECIMENTOS

Ao DEUS, todo poderoso na pessoa bendita do Senhor Jesus, digno és de toda honra, glória e louvor, para todo sempre, amém. Responsável pelo percurso de minha história. Cheguei até aqui porque Ele, na sua infinita bondade, permitiu-me e guiou.

Aos meus pais, Geraldo Henrique e Maria Das Neves, que sempre foram à base da minha vida, meu espelho e referência, que sempre me conduziram para os melhores caminhos, minhas inspirações e exemplo de amor verdadeiro, respeito e cuidado com o próximo, muito obrigada.

Ao meu esposo Isaias Santos, por sempre estar ao meu lado, ajudando-me, sendo companheiro e compreensivo nas horas em que não lhe dei a devida atenção por estar totalmente dedicada a conclusão deste trabalho. Ao seu amor por mim e apoio nos momentos que mais precisei, a minha gratidão.

Ao meu irmão Gustavo, e minhas irmãs Gilka, Gerlane, Gerlene e Germana, que são um dos maiores presentes que Deus pôde me presentear.

A minha orientadora Suely da Costa, que é um exemplo e espelho de profissional. Não podendo deixar de agradecer suas importantíssimas orientações e sugestões para melhoria de minha pesquisa, pela sua dedicação e paciência. Agradeço.

Aos funcionários que compõem todo campus III, desde a direção, coordenadores, professores, vigias e as meninas da limpeza, todos esses de forma direta ou indiretamente fizeram parte desta minha jornada acadêmica.

Não podendo deixar de agradecer as minhas colegas de sala: Jaqueline, pela força e presença quando mais precisei; Josieli e Dalécia pelo companheirismo.

Meus eternos agradecimentos.